

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUMES XXXII-XXXIII-1993/94

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

M. JUSTINO MACIEL

Professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

A PROPOSITO DAS CHAMADAS

“CONSERVAS DE ÁGUA DA RUA DA PRATA”

«Conimbriga» XXXII-XXXIII (1993-1994), p. 145-156

RESUMO: A descoberta feita pelo Autor, na Coleção Cenáculo da Biblioteca Pública/Arquivo Distrital de Évora, de duas plantas inéditas contemporâneas da descoberta das chamadas Termas Romanas da Rua da Prata, em Lisboa, é motivo para uma reflexão sobre o valor arquitectónico, no contexto da cidade romana, destas galerias cuja funcionalidade se procura equacionar em paralelo com a teorização urbanística romana, nomeadamente sob o ponto de vista da administração da água. Sublinha-se o significado e a representatividade desta construção na evolução do todo urbano, e bem assim o valor absoluto que o monumento possui como testemunho das técnicas edilícias romanas, independentemente das suas discutidas funcionalidades.

RÉSUMÉ: La découverte faite par l'Auteur, dans la Coleção Cenáculo de la Biblioteca Pública/Arquivo Distrital de Évora, de deux plans inédits contemporains de la découverte du monument connu sous le nom de Termas da Rua da Prata, à Lisbonne, est motif pour une réflexion sur la valeur architectonique, dans le contexte de la cité romaine, de ces galeries dont la fonctionnalité on essaye de considérer en parallèle avec la théorisation urbanistique romaine, notamment dans ce qui concerne l'administration de l'eau. On souligne la signification et la représentativité de cette construction dans l'évolution du tissu urbain, ainsi que sa valeur absolue comme témoignage des techniques constructives romaines, indépendamment de la controverse sur sa fonctionnalité.

Conimbriga, 32-33 (1993-1994), 145-156

(Página deixada propositadamente em branco)

A PROPOSITO DAS CHAMADAS “CONSERVAS DE ÁGUA DA RUA DA PRATA”

A descoberta recente que fizemos na Biblioteca Pública de Évora de duas plantas pertencentes à Colecção Cenáculo representando as estruturas romanas que se encontram sob a Rua da Prata leva-nos a proceder à sua publicação (*) juntamente com umas nótulas sobre esta construção que, *in genere*, já apresentámos publicamente em intervenção que fizemos em 12 de Maio de 1989 no *Encontro subordinado ao tema: O monumento romano denominado “Conservas de Agua da Rua da Prata”*, promovido pela Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa na Sala de Conferências do Castelo de S. Jorge (2). Dissemos então que, independentemente da(s) sua(s) funcionalidade(s), este monumento vale por si mesmo, como obra de arquitectura e testemunho das modelares técnicas construtivas romanas e nessa perspectiva deve ser apresentado, visto, visitado e usufruído por todos os que se interessam pela arte romana e pelo património que o passado nos legou.

Continuamos a pensar do mesmo modo. Para além das suas possíveis funções, é a lição da arquitectura romana que temos presente nos subterrâneos da Rua da Prata, com as suas *confornicationes* e *concamarationes* dando cobertura a uma sábia distribuição dos espaços, das galerias e dos tanques. No entanto, todo o dinamismo espacial que ali constatamos leva à colocação de várias hipóteses de funcionalidade.

(*) Agradecemos à Senhora Directora da Biblioteca Pública de Évora, Dr.^a Isabel Cid, todo o apoio dispensado na localização e reprodução destas plantas.

(2) Sob a coordenação das Senhoras Dr.^{as} Irisalva Moita e Ana Cristina Leite, a quem agradecemos o convite para estar presente.

Esta relacionar-se-á com os dados actualmente disponíveis sobre o monumento ⁽³⁾:

- A. O sistema construtivo de base é romano, da época julio-cláudia, a julgar pelas técnicas de construção em *opus quadratum* em algumas galerias e contrafortes, com almofadado que lembra sobretudo o período augustano.
- B. Houve reformulação e descentramento posteriores de abóbadas e de rebocos, indicando que numa primeira fase o edifício não era necessariamente aquilo em que se transformou depois.
- C. Verificamos que há galerias de circulação com espaços contrafortados e coberturas abobadadas que surgem com maiores dimensões a nível de largura e altura do que outros que funcionam sobretudo para armazenamento de água.
- D. Os elementos de que dispomos parecem indicar que uma estrutura inicial contrafortada com nascente ou fonte se transformou progressivamente em cisterna, reservatório ou infraestrutura para armazenamento de água potável.
- E. Tudo leva a crer que o local foi objecto de deposição de uma lápide dedicada a Esculápio, deus da saúde e da medicina. Com efeito, a inscrição lá encontrada em 1770 testemunha ao

⁽³⁾ Uma leitura crítica deste monumento tem vindo a ser progressivamente efectuada, quer na descrição das estruturas, quer nas hipóteses formuladas, destacando-se os seguintes autores:

Francisco Martins de Andrade, *Memoria ácerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa acompanhada de nove desenhos coloridos, tirados escrupulosamente sobre os proprios sitios com a medição correspondente*, COD 7299 da Biblioteca Nacional, datado de 1860. Encontramos o mesmo texto no COD 7619, que nos parece o borrão original e no COD 8468, este com assinatura do Autor.

A. C. Borges de Figueiredo, *As Thermas romanas da Rua Bella-da-Rainha ('vulgo ' Rua da Prata)*, in “Revista Archeologica e Historica” (Lisboa) III (1889) 23-25.

José Leite de Vasconcelos, *Lisboa Arcaica*, Lisboa, 1937.

Augusto Vieira da Silva, *As Termas Romanas da Rua da Prata, em Lisboa*, in ‘Dispersos’, II, Lisboa, 1960, pp. 309-316.

Irisai va Moita, *As Termas Romanas da Rua da Prata*, Lisboa, 1977, com sucessivas reedições.

Vasco Mantas, *Notas acerca de três inscrições de Olisipo*, in “Conimbriga” (Coimbra) XV (1976) 151-169.

Jorge de Alarcão, *Roman Portugal*, II, 2, Warminster, 1988, pp. 124-125.

mesmo tempo a oferta ao Município de algo que tem a ver com a utilidade pública e a colocação desse serviço sob a protecção de Esculápio. O que parece confirmar que a lápide será mesmo originária do local, que tinha utilização pública.

- F. Há acessos e iluminação, quer por escadas, quer por clarabóias.

Permanecem muitas dúvidas, entre as quais poderíamos destacar as seguintes:

1. Enquadramento urbanístico destas estruturas. Poderiam ter sido, numa primeira fase e depois simultaneamente com o aproveitamento hidráulico, *solidationes*, *substructiones* ou mesmo criptoportico de outras construções, tais como:
 - a) *Moenia* da cidade (4).
 - b) *Balnea*(5).
 - c) *Emporium* ou pórticos de acesso a esta praça de comércio marítimo (6).
 - d) Plataforma afecta a uma zona de produção industrial de *garum* (7).
 - e) *Forum* (8).
2. Conhecimento dos níveis friáticos no local na época romana.
3. Cronologia dos vários compartimentos.
4. Importância para o abastecimento de água:

(4) Admitindo a possibilidade de os muros do perímetro urbano, vindos de Nascente, sensivelmente continuando a linha da posterior Cerca Moura junto ao Tejo, ali se encontrarem em espigão com os que acompanhariam o esteiro da Baixa.

(5) Neste caso, os *balnea* deveriam estar um pouco afastados, face ao risco de inquinação das águas que ficavam por baixo.

(6) Segundo Vitruvius, junto dos portos *deverão construir-se pórticos ou arsenais, bem como acessos dos pórticos para os *emporia* *Circum enim porticus siue naualia sunt facienda siue ex porticibus aditus ad emporia. De Architectura*, V, XII, 1, Edição de Frank Granger, *Vitruvius, On Architecture*, I, London, The Loeb Classical Library, 1931 (Reimpressão de 1970), p. 312.

(7) São conhecidos os achados de cetárias na zona de confluência do Esteiro da Baixa com o Tejo.

(8) Hipótese avançada por J. Cardim Ribeiro, *Contributos para o conhecimento de cultos e devoções de cariz aquático relativos ao território do Município Olisiponense*, in “Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa” (Lisboa) 89-1.º Tomo (1983) 337 e Figs. 3, 4 e 5.

- a) Só para o porto?
 - b) Para a produção de *gammi*
 - c) So a nível medicinal?
 - d) Para toda a cidade em contexto de pré-aqueduto?
5. Possibilidade de um ou mais compartimentos terem funcionado como pequenos santuários: a Esculápio ou a divindades orientais ⁽⁹⁾.
6. Desconhecimento da profundidade das paredes sob o actual pavimento.

Perante as observações feitas e as dúvidas formuladas, parece-nos que a funcionalidade hidráulica desta estrutura, sem excluir outras, se torna, pelo menos numa segunda fase, evidente e que estaremos perante uma solução de entre as muitas que a arquitectura romana da água nos deixou. Na primeira fase, a técnica de construção é fundamentalmente a do *opus quadratum*. Na segunda fase, a do *opus caementicium* sobre cofragem de madeira - ver as marcas deixadas nas abóbadas - ou segundo as recomendações vitruvianas que adiante referiremos. Pavimentos em *opus Signinum*. Em alguns locais, revestimento com *opus sectile*, visível ainda no séc. XIX, como constatou F. Martins de Andrade ⁽¹⁰⁾.

⁽⁹⁾ É interessante fazer uma aproximação de uma ou outra galeria com o *Mithraeum* que se encontra sob a Basílica subterrânea de S. Clemente, em Roma, quer sob o ponto de vista espacial, quer sob o ponto de vista de proximidade com a água.

⁽¹⁰⁾ *No fundo do alveo, achou-se o emboço de cal com mui pouca areia, grão de marmore ou marmore mal pizado, e talvez em pó, com tijolo ou telha pizados mui grosseiramente... e por cima o resto da argamassa em que estava assente o forro de Hoz, ou marmore... Dentro do alveo acharam-se fragmentos de folhas de Hoz, mais ou menos vermelho; de marmore branco e com veios azues, os quais entendemos que eram antigamente do forro do mesmo alveo. Os bocados de Hoz são de folhas compridas e estreitas de diferentes larguras, havendo-os de pouco mais de 0,018m a 0,020m de grossura, porem desiguaes. Os de marmore são irregulares e dizem ser o branco de Estremôs e o de veios azues de Montes Claros. Estes marmores parecem só brunidos, e nenhum lustrado... Na escavação de perto de um metro de extensão a que mandei proceder na continuação do alveo, achou-se não só uma grande quantidade de pedaços de marmore e Hoz, mas entre aquelles um branco moldurado, com um quarto de redondo e um filete; e entre os de marmore branco com veios azues, um com mocheta e um talão que tem forma de toro junto a ella, dando-se-lhe por isto o nome de talão composto, e alem d'estes um outro bocado que parece servira de cordão ou vareta, sendo porem todas as molduras abertas com mau córte de farramenta, e por conseguinte obra muito imperfeita. Esta escavação não poude continuarse porque*

A época de Augusto ficou marcada, como se sabe, por um grande dinamismo construtivo, com características técnicas e arquitectónicas muito próprias, sendo a arquitectura da água uma das manifestações mais representativas deste dinamismo em contexto urbano. As preocupações do *Princeps* e dos magistrados municipais em relação à cidade de Roma, com os problemas de saneamento e abastecimento de água a um aglomerado que atingia já então o meio milhão de pessoas, com o Tibre inquinado pelos dejectos das cloacas públicas, estiveram primordialmente em dotar a cidade de uma rede de aquedutos que respondesse à procura constante da água para as termas públicas e privadas, para as fontes, jardins e espectáculos. Do planeamento de novos aquedutos e restauro dos antigos foi encarregado Agripa, como *Curator Aquarum*, resultando da sua administração, segundo Plínio ⁽¹¹⁾ a construção de setecentos reservatórios, quinhentas fontes e cento e trinta *castella*, ornamentando estas obras com colunas e estátuas. Este esforço, que se reflectiu em todas as cidades do Império, foi acompanhado de uma reflexão filosófica e técnica sobre os *mirabilia aquarum*, destacando-se entre vários autores Vitrúvio, que no Livro Vili do seu *De Architectura* trata dos problemas de captação, análise e distribuição de águas ⁽¹²⁾. Entenderemos o que progressivamente esta política de distribuição produziu na cidade de Roma se de novo lermos Plínio: *Se alguém com diligência avaliar a abundância de águas que se oferece à fruição pública nos balnea, nas piscinas, nos euripi, nas domus, nos jardins, nas uillae suburbanas, bem como as distâncias percorridas pela água, os arcos construídos, os mon-*

para o lado do nascente se encontrou um alicerce que a dificultou. F. Martins de Andrade, *op. cit.*, pp. 27-31. Este texto de Martins de Andrade é extremamente importante e não pode ser esquecido ao estudarem-se as estruturas romanas da Rua da Prata. O *opus Signinum*, o *opus sectile* e os restos de decoração arquitectónica que encontrou e em parte conservou na Biblioteca Nacional, com desenhos do José Valentim de Freitas (Vd. nota n.º 28), podem testemunhar o uso social, pelo menos em parte, destas estruturas.

⁽¹¹⁾ *Naturalis Historia*, XXXVI, 122, Edição de J. André, *Pline VAncien, Histoire Naturelle, Livre XXXVI*, Paris, “Les Belles Lettres”, 1981, pp. 91-92: *Agrippa uero in aedilitate adiecta Virgine aqua ceteris que conriuatatis atque emendatis lacus DCC fecit, praeterea salientes D, castella CXXX, complura et cultu magnifica, operibus iis signa CCC aerea aut marmorea inposuit, columnas e marmore CCCC, eaque omnia annuo spatio.*

⁽¹²⁾ Vitrúvio, *De Architectura*, *op. cit.* Da época julio-cláudia citaríamos ainda as reflexões de Ovídio, *Metamorphoses*, 15, 307 e ss. e Séneca, *Naturales Quaestiones*, Liber III.

tes perfurados e os vales aplainados, será levado a reconhecer que jamais viu coisa tão admirável em todo o orbe⁽¹³⁾.

As cidades provinciais seguem os modelos da *Urbs*. Se *Eméríta Augusta*, construída *ex novo*, pode em grande parte seguir os prototipos da Cidade-Mãe, designadamente no abastecimento de águas, dado que não há urbanismo romano sem um planeamento rigoroso de distribuição de água, mesmo sob o ponto de vista administrativo ⁽¹⁴⁾, *Felicitas Iulia Olisipo* é uma cidade portuária que Junio Bruto encontrou já florescente e que desde então se vai adaptando às propostas urbanísticas romanas ⁽¹⁵⁾. O *habitat* primitivo, articulado entre a colina, suas pendentes e a confluência do esteiro da Baixa com o Tejo, condicionou sem dúvida o desafogo do urbanismo que se desenvolveu sobretudo a partir de Júlio César e Augusto. A água foi com certeza um dos problemas fundamentais da Lisboa romana, só talvez minimamente resolvido com a construção da barragem de Belas e aqueduto numa época mais tardia.

Como teria sido, pois, solucionado primitivamente, segundo o pragmatismo romano, o fornecimento de água em *Olisipol*

Esta pergunta poderá vir ao encontro da problemática levantada pelas chamadas Conservas da Rua da Prata. Vitrúvio, ao falar da construção de galerias subterrâneas para condução de água para as cidades, recomenda, quando o solo for inconsistente ou arenoso, que se levantem paredes *in specu* (na galeria) *cum camera* (abobadadas) ⁽¹⁶⁾. Mas refere-se aí a condutas subterrâneas, não a reservatórios ou cisternas. E no respeitante à perfuração de poços, quando não há fontes, recomenda uma observação sagaz e atenta das circunstâncias naturais ⁽¹⁷⁾, bem como a sua protecção com *assa structura* ⁽¹⁸⁾, ou seja, com

⁽¹³⁾ *Quod si quis diligentius aestumauerit abundantiam aquarum in publico, balineis, piscinis, euripis, domibus, hortis, suburbanis uillis, spatia aquae uenientis, exstructos arcus, montes perfossos, conualles aequatas, fatebitur nil magis mirandum fuisse in toto orbe terrarum. Nat. Hist., XXXVI, 123, op. cit., p. 92.*

⁽¹⁴⁾ De que é um bom exemplo a obra de Frontinus, *De aquae ductu Urbis Romae*, Edição de Pierre Grimal, Frontin, *Les Aqueducs de la Ville de Rome*, Paris, “Les Belles Lettres”, 1961.

⁽¹⁵⁾ Passo, por demais conhecido, de Estrabão, *Geographia*, III, III, 1.

⁽¹⁶⁾ *Sin autem terrenum aut harenosum erit solum, et parietes cum camera in specu struantur... De Arch., Vili, VI, 3.*

⁽¹⁷⁾ *In puteorum autem fossionibus non est contemnenda ratio, sed acuminibus sollertiaque magna naturales rerum rationes considerandae... De Arch. Vili, VI, 12.*

⁽¹⁸⁾ *Cum haec sic explicata fuerint et ad aquam erit peruentum, tunc saepiatur assa structura nec obturentur uenae. De Arch. Vili, VI, 13.*

pedras sem argamassa que não impeçam a passagem dos veios de água. A construção de cisternas é também recomendada para recolher água dos telhados ou de outros pontos elevados. Vitruvius chama-lhes simplesmente *opera signina*, porque é fundamental nestes reservatórios a sua construção com *areia purissima e asperrima* caldeada em *mortarium* com *cal fortissima* e brita de pedra ⁽¹⁹⁾. Construíam-se primeiro as paredes, aproveitando-se a terra como cofragem, posteriormente retirada, e só então se lançava o lastro do pavimento ⁽²⁰⁾. Recomenda que estes *opera signina* sejam dúplices ou tríplexes, a fim de permitirem a depuração e decantação da água, passando de uma para outra ⁽²¹⁾. Singularmente, Plínio faz praticamente as mesmas recomendações, algumas dezenas de anos depois, para a construção das *cisternae* e sugere também a sua geminação ⁽²²⁾.

Não encontramos nos textos clássicos outras referências que nos permitam uma percepção mais clara de tipos de captação ou de fornecimento de água com paralelo para o que vemos no subsolo da Rua da Prata.

Por seu lado, a Lápide dos Augustais permite-nos vislumbrar a importância que este local teria para a vida de *Olisipo*, informa-nos da ligação evidente com a administração municipal - lembramos que em Roma a gestão da água pertencia tradicionalmente aos magistrados municipais até que Augusto lhe deu uma autonomia própria - e julgamos que, mais do que propriamente testemunhando a crença no carácter medicinal das fontes, estaria no acto dos Augustais a intenção de solicitar à divindade a sua protecção como garantia da salubridade das águas para o consumo público ⁽²³⁾.

⁽¹⁹⁾ *In signinis autem operibus haec sunt facienda. Vti harena primum purissima asperrimaque paretur, caementum de silice frangatur ne grauius quam librarium, calce quam uehementissima mortario mixta, ita ut quinque partes harenae ad duas respondeant. Eorum fossa ad libramentum altitudinis quod est futurum calcetur uectibus ligneis ferratis.* De Arch., Vili, VI, 14.

⁽²⁰⁾ *Parietibus calcatis, in medio quod erit terrenum exinaniatur ad libramentum infimum parietum. Hoc exaequato solum calcetur ad crassitudinem quae constituta fuerit.* De Arch., Vili, VI, 15.

⁽²¹⁾ *Ea autem si duplicia aut triplicia facta fuerint, uti percolationibus transmutari possint, multo salubriorem et suauiore aquae usum efficient.* De Arch. Vili, VI, 15.

⁽²²⁾ *Cisternas harenae purae asperae quinque partibus, calcis quam uehementissimae duabus construi... Vtilius geminas esse, ut in priore uitia considant atque per colum in proximam transeat pura aqua.* Nat. Hist., XXXVI, 173, op. cit., p. 109.

⁽²³⁾ Registe-se que não é única esta acção funcional dos Augustais em *Olisipo*. Na época de Nero vemos o Augustal *Caius Heius Primus* a levantar o Proscénio do

Frontino, *Curator Aquarum* nomeado por Nerva, deixou-nos no seu livro já citado alguns reflexos do que eram as preocupações dos responsáveis pela captação, adução e administração das águas em Roma, afirmando que isso estava intimamente ligado à *utilidade, salubridade e segurança da cidade* (24). Diz-nos ainda que, por decisão do Senado, no tempo de Augusto, os *curatores aquarum* tinham ao seu dispor dois *licttores* e três escravos públicos: um *architectus*, um *scriba* e um *librarius* (De aq. XCIX). Estes últimos faziam parte da *familia aquarum*, que já Agripa criara para a manutenção dos aquedutos, reservatórios e fontes (De aq. XCVIII), composta igualmente por *uillici* (intendentes), *castellarii* (guardas dos *castella* de água), *circitores* (inspectores), *sili-carii* (calceteiros) e *tectores* (estucadores) (De aq. CXVIII).

A lápide dedicada a Esculápio, noticiada por Frei José de S. Lourenço(25) e D. Thomás Caetano de Bem(26), continuamente referida

Teatro que, sendo dedicado ao Imperador, é usufruído pelos cidadãos de Lisboa. (Luiz Antonio de Azevedo, *Dissertação Critico-Filologico-Historica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendiveis circumstandas da erecção do Tablado e Orquestra do Antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castello desta Cidade, com a intelligencia da sua Inscricção em honra de Nero, e noticia instructiva d’outras Memorias alli mesmo achadas, e atégora apparecidas*, Lisboa, 1815, p. 12.

(24) *Aquarum iniunctum officium cum ad usum tum ad salubritatem atque etiam securitatem urbis pertinens. De aq. I, op. cit., p. 2.*

(25) Fr. José de São Lourenço, *Monumenta Selecta*, Alcobaça, 1780, fi. 3. Biblioteca Nacional, COD. ALC. 395: *Anno a reparatione mundi 1773 mense Iunii cum Olisipone effoderetur aquae ductus plateae argenteae, detectae fuerunt cryptae ex lapidibus confectae, ac diversarum viarum intricatissimo labyrinte divisae. Nihil praeter limum continebant. Itaque ego non labori parcens, accurate eas vidi et depinxi. Multae intus viae luto, lapidibus, et aqua obturabantur, per foramina desuper concisis... Lapis ibi paulo ante inventus, et quadam domo prope servatus, necnon a me transcriptus, qui Esculapio aedem fuisse desuper dicatam testatur. Quod est Sacrum Aesculapio Marcus Afranius Euporio, et Lucius Fabius Daphnus Augusto Municipio dedicarunt.*

(26) D. Thomaz Caetano de Bem, *Noticia das Thermas, ou Banhos Cassianos, e outros Monumentos Romanos, modernamente descobertos na Cidade de Lisboa*, Lisboa, 1790 (data da Licença de Impressão, que não se chegou a efectuar), COD 104 da Biblioteca Nacional. Caetano de Bem considerava as estruturas da Rua da Prata como continuação das Termas dos Cássios. Diz, a fl. 8 v: *As sobreditas Thermas, ou Banhos parece comprehendiaõ hum grande espaço; e que tinham grande extensão: por quão correndo deste lugar, quasi trezentos passos para a parte do Meio dia, na rua chamada da Prata, e defronte da Parrochial Igreja de Santa Maria Magdalena, e trabalhando-se para abrir os alicerces de algumas Cazas de Pessoas particulares, se des-*

quer por olisipógrafos quer por arqueólogos e historiadores (27), que a associam ao local onde foi encontrada, poderá ser um pequeno testemunho da presença da administração municipal, através do gesto funcional dos Augustais, *ad usum tum ad salubritatem atque etiam securitatem*, na garantia do fornecimento de água a *Olisipo*.

São duas as plantas do monumento da Rua da Prata existentes na Biblioteca Pública de Évora. A primeira e mais antiga intitula-se *Planta dos Subterraneos, que se acharad abrindo-se o cano da Rua Argentea, da Cidade de Lisboa: no mes de Maio de 1773*. Com petipé. Em cima tem a seguinte referência: *Oferecida ao Exm., e Rm. Snr. Bispo de Beja. Tirada no dia 9 de Junho de 1773*. É, pois, oriunda da Colecção Cenáculo. Tem a seguinte identificação na Bibi. Púb. de Évora: *Plantas Architectónicas. A - Assuntos Portugueses, Pasta I, Planta 4*. Pela data terá sido a primeira planta a ser levantada do monumento. (Planta n.º 1).

A segunda, com a identificação na mesma Biblioteca *Plantas Architectónicas. A - Assuntos Portugueses, Pasta I, Planta 1*, não tem qualquer título, traz igualmente petipé legendado e representa, numa fase de reconhecimento mais avançado, mas ainda possivelmente em curso, a inserção do monumento na nova malha da baixa, com indicação da *Traveça da Conceição, Chuaca Geral, Traveça de S. Juliam, Rua bela da Raynha e Rua nova de El Rey* e a nota seguinte: *Tudo o que vay notado de banho vermelho, he o mais q. se pode descobrir thé agora, desta obra subterrana q. apareceo*. É já uma planta de atelier, com preocupação de definir contornos e de situar urbanisticamente as estruturas, utilizando a cor como complemento gráfico. (Planta n.º 2).

É conhecida hoje satisfatoriamente, na parte visitável, o traçado geral das estruturas, a partir dos levantamentos de José Valentim de Freitas (28), em grande parte sobre a planta de Joaquim Ferreira (29) e,

cobrirão outros muitos nichos, ou tanques de semelhante fabrica, e construcção; e junto a estes a seguinte Inscripção: SACRUM AESCULAPIO...

ⁱ²¹⁾ A. Vieira da Silva, *Epigrafia de Olisipo, Subsídios para a História de Lisboa Romana*, Lisboa, 1944, pp. 217-219. Ver ainda Autores citados na Nota 3.

(28) José Valentim de Freitas, *Desenhos a que se refere a Memoria acerca d'uns restos de Thermas Romanas, existentes em Lisboa*, Lisboa, 1860. COD. Iluminado n.º 162, actualmente na Área de Iconografia da Biblioteca Nacional com a Cota D.A.8A. São os desenhos e plantas referidos no Manuscrito de Francisco Martins de Andrade.

(29) Diz F. Martins de Andrade, *op. cit.*, p. 8, que a planta que seguiram existia na Intendência das Obras públicas e tinha sido elaborada por Joaquim Ferreira *quando*,

sobretudo, desde a publicação de plantas por A. C. Borges de Figueiredo ⁽³⁰⁾, A. Vieira da Silva ⁽³¹⁾, Irisalva Moita ⁽³²⁾ e, ultimamente, Jorge de Alarcão ⁽³³⁾.

Lisboa, 1991

depois do terremoto de 1755, se lançaram os alicerces para a nova reedificação. Face às dificuldades encontradas, foi a partir desta planta que se fez outra em maior escala (op. cit., p. 10).

⁽³⁰⁾ A. C. Borges de Figueiredo, *op. cit.*, Estampas III, IV e V, que são plantas e alçados retirados de José Valentim de Freitas (Vd. nota n.º 28), mas com legendas apresentando diferenças no tipo das letras e sua localização. Diz o Autor, pag. 24, Nota 3: *Na mesma ocasião (que J. Valentim de Freitas) fez uma planta das minas o falecido engenheiro Joaquim Júlio Pereira de Carvalho, da qual me ministrou uma cópia seu irmão, o meu patricio e amigo o sr. Commendador Antonio Pereira de Carvalho. Nessa planta encontram-se leves diferenças da de Valentim de Freitas, que seguiu por abranger um perímetro maior.*

⁽³¹⁾ A. Vieira da Silva, *As Termas. ...op. cit.*, onde apresenta nova planta a partir das efectuadas anteriormente, entre as quais uma do géometra Francisco de Almeida e Silva (Junho de 1859).

⁽³²⁾ Irisalva Moita, *op. cit.* E ainda uma *Planta das Termas Romanas dedicadas a Esculápio situadas no subsolo das Ruas da Prata e da Conceição, segundo levantamento efectuado em 1969* (Existente no Museu da Cidade).

⁽³³⁾ Jorge de Alarcão, *op. cit.*, p. 125.



